

LAURA ALVES

Entrevistada por Maria Augusta Silva

JUNHO 1983

Uma das primeiras figuras do teatro em Portugal no século XX e possuidora de uma magistral arte de representar. Um jornalista inspirado afirmou que Laura Alves era a “Rainha do Palco” – um cognome que pegou. Nesta entrevista realizada em vésperas das suas bodas de ouro como atriz aborda-se pela primeira vez e desassombradamente a solidão e o declínio profissional sequentes à opção por uma peça de teatro em que se hostilizava a revolução de Abril. Diz que Deus e o alfabeto caldeu são quem a guia. Não receia a velhice, nem tem medo de fantasmas. Gostava de morrer, a sorrir, no camarim. Mas, antes disso, um desejo: fazer uma viagem à Lua.

Neste momento, assusta-a a solidão?

Não tenho medo da solidão. Não sou nada medrosa.

Nem tão-pouco a atormenta a ideia de ficar sozinha?

Sou uma lutadora. Fui sempre, desde miúda. Nada me mete medo.

Soube sempre defender-se na vida?

Sempre, desde criança.

Tem recordações da sua infância?

Cantava na rua. Tinha uma voz muito bonita quando era novinha e toda a gente ficava pasmada a olhar para mim.

Por que trocou a canção pelo teatro?

Fui para a Escola Industrial Machado de Castro. Havia lá um palco. O professor Lucena descobriu-me o jeito e levou-me ao Alves da Cunha. Fiz provas. Agradei e estreei-me em 1934. Aproximam-se as bodas de ouro.

Vai festejá-las?

Não sei.

Gostava de as festejar?

Gostava.

Espera que alguém se lembre de tomar essa iniciativa?

O público lembra-se de mim. Tenho provas disso a cada passo...

Mas sente-se esquecida ou ignorada, por exemplo, da parte de entidades ligadas à cultura no nosso país?

Essas não me ligam nenhuma! A mim, então. Não me ligam mesmo nenhuma!

Encontra alguma razão forte para essa indiferença?

É a política. Eles não se esquecem do *Zero à Esquerda*...

E a Laura esquece-se do *Zero à Esquerda*? Teve assim tanta necessidade de incluir uma peça político-partidária na sua carteira? Houve em si uma necessidade, de facto, de afirmação política perante o público ou foi por arrastão?...

Tive necessidade de uma afirmação política.

Foi uma opção plenamente consciente?

Consciente, sim, senhora.

Valeu a pena à protagonista do *Meu Amor é Traíçoeiro* ter apostado num *Zero à Esquerda*?

Acho que sim.

Sentiu-se compensada?

Não me compensou de nenhuma forma.

Então?

Eu andava doida com todas as loucuras que via por aí. Toda a gente a odiar toda a gente... Senti uma raiva tão grande que disse para comigo: pois vou à procura de uma peça... Apanhei-a, em Espanha. Depois adaptei-a. Foi um êxito, mas não serviu para nada, ao fim e ao cabo...

Pretendeu com essa peça dar a entender ao público qual a sua posição política ou foi aproveitada para um comício em proveito de determinadas forças políticas?

Só quis falar na Pátria. E o *Zero à Esquerda* tinha um sentido crítico e patriótico.

Uma crítica negativa relativamente ao 25 de Abril... Tem alguma coisa contra esta revolução enquanto resultado e afirmação de uma dinâmica social?

Não. Eu não tenho.

Mas preferia que não tivesse acontecido?

Da maneira como isto está, digo que não está certo.

Sentia-se mais identificada com o regime político anterior, nomeadamente no que concerne ao setor cultural?

Antes aquele regime do que isto por que estamos a passar.

UM SONHO DESFEITO

A sua aptidão para o teatro, em particular para o drama e para a tragicomédia, adveio de uma vocação ou apenas do brio profissional?

Não foi uma vocação. Foi por necessidade. Éramos sete irmãos e o meu pai estava muito doente. Tive de me transformar no chefe da família. Aproveitei a “queda” para o teatro, assumindo-o como uma profissão tão digna como outra qualquer. Não era uma vocação, mas tenho vivido o teatro com muita seriedade.

Por vocação, que mais gostaria de ter realizado profissionalmente?

Gostava de ter sido química analista ou médica. Foi um sonho desfeito. Só me foi possível estudar até ao quinto ano.

Em determinado dia conheceu o Vasco Morgado. Foi o grande amor da sua vida?

Foi.

Como se encontraram?

Foi no Verão, durante a Feira Popular. Ele foi buscar-me para dançar. Havia lá um bailarico... Perguntou-me se eu queria ir para a ilha dele...

Uma ilha, Laura... Ficou deslumbrada?

Ele chamava ilha à sua casa. Eu fui, mas não houve nada! Ficámos de namoro pegado. Casámos, tive o meu filho.

Ficou-se apenas por um filho. É adepta do planeamento familiar?

Gostava de ter mais filhos, mas, veja bem, tinha uma vida cigana, a saltar de um lado para o outro, em digressões por todo o País, de terra em terra, sem condições, portanto, para dar assistência às crianças.

Aceita o planeamento familiar como defesa da família?

Aceito.

Isso não interfere nos seus conceitos religiosos como católica confessa?

Sou católica por convicção total, no entanto não sou bicha de sacristia. Acho que o planeamento familiar é um método sensato e indispensável ao equilíbrio da família e da sociedade.

UMA PAIXÃO

Por que falhou o seu casamento com o Vasco Morgado?

Ele não me dava assistência.

É ciumenta?

Um bocadinho. As raparigas metiam-se com ele... Todas queriam ser vedetas. O Vasco era o trampolim.

E lutadora, mas abandonou esse campo de batalha?

Só ao fim de vinte anos é que me divorciei. Ele nem queria acreditar.

Diz isso com uma certa mágoa. Arrependeu-se?

Sim. Devia ter estado sempre junto dele.

Um amor cego?

Pois foi. Aliás, foi uma coisa pior. Foi paixão. As paixões não deixam ver nada.

Foi correspondida, de algum modo, nessa paixão?

Penso que sim, apesar de tudo. Quando o advogado lhe disse que já estava divorciado, o Vasco teve um ataque de choro. Mas eu cuidei sempre dele, mesmo estando em casas separadas.

A Laura parecia, muitas vezes, uma espécie de tratamento de choque para as bilheteiras do empresário Vasco Morgado. Admite que ele tenha explorado o seu talento, em termos meramente comerciais?

Sim, admito e achei bem porque ele era o meu marido e tínhamos um filho. Mas também penso que não havia da parte do Vasco apenas um objetivo material.

Cultiva as boas recordações?

Com certeza. Tínhamos as nossas brigas, mas também me ajudou muito. Ele e Deus.

O que é Deus para si?

É tudo. Não sei explicar. É ser bom, humano, bondoso.

Acha que o nosso teatro está falho de valores humanos?

Está demasiado dividido.

A que atribui esse facto?

Ao 25 de Abril. Antes, éramos todos amigos. Tudo isso se perdeu.

E o 25 de Abril em si mesmo é que tem a culpa?

Temos de culpar alguém.

Esse alguém personifica-o no 25 de Abril?

As coisas como estão... a gente nem sabe dizer nada...

Mas pode falar-se, felizmente...

Lá isso pode!!! É verdade.

Entendeu sempre o teatro como um ato de inteligência?

Sim. As coisas devem ser feitas como deve ser, respeitando os bons encenadores.

Teve bons encenadores ao longo da sua carreira?

Tive grandes mestres.

Quer citar alguns?

Foram tantos! Alves da Cunha, Amélia Rey Colaço, Palmira Bastos, Lucinda Simões, tantos mais...

Influenciaram-na esses mestres?

Quem mais me influenciou foi o Ribeirinho. Foi numa altura em que ele tinha uma peça no Variedades e precisava de uma miúda para cantar. Cantei eu.

Ainda se lembra o que cantou?

Era uma canção que dizia assim: a sorte só favorece quem...

A sorte favoreceu-a?

Nem por isso.

É uma pessoa fatalista?

Não.

É, pelo menos, dramática...

Nasci assim.

Que tristeza é essa?

Sou muito triste. A minha mãe ralhava comigo, porque, quando ia na rua, punha os olhos no chão, e pronto...

Tinha medo de olhar em frente?

Sou muito estranha. Sou um bocadinho de tudo.

Tem-se definido, no entanto, como uma pessoa que não aceita meios-termos?

Pois não aceito. Ou tudo ou nada!

Quer isso dizer que é uma pessoa radical?

Sou bastante radical.

Dá-se bem com essa maneira de ser?

Dou-me bem, sim.

Não lhe cria inimizades?

Claro que há ódios e invejas. Encaro-os como se nada fossem. É escusado meterem-se comigo e dizerem que eu sou assim ou assado... Sou igual a mim própria.

SOZINHA OUTRA VEZ

Esse temperamento tem alguma “costela” especial?

Nasci no Bairro de S. Mamede e fui batizada em Viseu, na igreja onde o havia sido minha avó.

Sei que a sua árvore genealógica tem uns ramos chineses...

Pois, o meu tetravô era chinês. Creio que os meus olhos, redondinhos, e alguns traços do meu rosto têm marca chinesa...

Já teve a oportunidade de visitar a China?

Não, e tenho muita pena. Mas o dinheiro não tem chegado.

Tantos anos no palco não deram para fazer fortuna?

Não, porque, se uma peça dava dinheiro, outras não resultavam economicamente. Então tinha de se tirar de um saco para o outro, sem margem para voos.

Considera que o Vasco Morgado (pai) foi um bom gestor?

Penso que não. O meu filho é que é um bom administrador.

Em que falhou Vasco Morgado, na sua opinião?

Não sei, porque ele nem sequer dava dinheiro às mulheres...

E pagava bem à atriz Laura Alves?

Pagava.

Julgava-se bem paga como uma das primeiras figuras do teatro declamado em Portugal?

Não era bem paga. Mas também não era mal...

Quanto ganha atualmente?

Trinta contos [150 euros].

Chega?

Faço uma grande ginástica, sou bastante governada e caseira.

Está muito presa às recordações da sua casa?

Sou muito sentimental. Há anos, na minha rua, ali para o Largo do Rato, havia um violinista que ia para lá tocar e, enquanto ele tocava, as lágrimas caíam-me!

Comove-se com facilidade?

Com enorme facilidade. E com medo de as pessoas pensarem que estou a representar.

Mas, sendo assim, isso ajuda-a um pouco no palco, sempre que necessita de chorar, não?

É só lembrar-me do meu marido.

Do Vasco?

Sim.

Como se deu o seu segundo casamento, com Frederico Valério? Um re-encontro com a juventude? Uma espécie de conto de fadas?

Eu tinha namorado com o Frederico Valério antes de conhecer o Vasco. Mas ele acabou por ir para a América e cada um organizou a sua vida.

Foi, então, um re-encontro?

Estávamos ambos solitários.

Medo da solidão, afinal?

Nessa época sim, porque me faltou, de repente, o amparo do Vasco.

Um segundo casamento como refúgio?...

Sim, um refúgio.

Não valeu a pena?

Valeu a pena, porque o Frederico Valério era uma pessoa extraordinária, um homem muito culto, muito educado. Casei com dois homens decentes, embora um fosse mais leviano que o outro.

Custou-lhe perder o Frederico Valério?

Custou-me, naturalmente. Não esperava. Ele parecia ter tanta saúde e, num instante, tudo ruiu. Fiquei sozinha outra vez.

TALVEZ EM SETEMBRO

Tem estado inativa. Nenhuma peça em perspetiva?

Talvez para Setembro... Neste momento está a preparar-se *Um Fantasma Chamado Isabel*.

Já começaram os ensaios?

Ainda não.

O projeto de demolição do Teatro Monumental abateu-a psicologicamente?

Inevitável. Fui eu quem estreou o palco do Monumental, em 1951. São muitos anos no mesmo sítio! Criam-se raízes.

A Laura, contudo, tem-se definido como uma pessoa que joga no futuro. Julga que a remodelação da zona do Saldanha (incluindo o Monumental) não tem nada que ver com o futuro?

Não creio que o progresso esteja na demolição daquele teatro. Há interesses económicos que dominam tudo e todos...

É um problema que a toca, muito especialmente?

Toca-me na pele. Muito mesmo.

Mas a vida não pára...

Claro que não. Acredito nos jovens. Defendo os novos que hão de construir o futuro. Há essa porcaria da droga que desvia muitos jovens, só que eles também não são propriamente os grandes culpados. É uma rede de problemas e de interesses. Mas tenho fé em Deus e tenho esperança. Muitos rapazes e raparigas (soube-o há dias) estão a angariar fundos para que me seja feita uma homenagem, por ocasião das minhas bodas de ouro no teatro. Há de tudo correr bem.

É supersticiosa?

Um bocadinho. Todos os artistas são um pouco supersticiosos.

Porquê?

Temos medo como os toureiros... Eles também põem os santinhos todos, antes de entrarem na arena.

Que poderá significar isso? Fé, falta de confiança ou uma espécie de tábua de salvação?

Uma tábua de salvação talvez...

É apaixonada por astrologia?

Quando tenho tempo, consulto o horóscopo...

Acredita na re-encarnação?

Acredito.

Por ser católica ou tem alguma outra razão?

Quando o meu pai morreu, passados meses ele apareceu-me. Via-lhe o rosto e ouvia-lhe a voz.

Força do pensamento ou sonho?

Não foi sonho. Também perguntei a mim própria nesse momento se não estaria a sonhar. Não estava, não! Coisas que me transcendem.

É uma pessoa um tanto complicada, verdade ou mentira, Laura?

Sou um pouco complicada, sou. Gostava de saber de tudo. Gostei sempre de aprender. Tenho uma ânsia enorme de saber.

OS NÚMEROS FAVORITOS

Sei também que se dedica ao estudo da numerologia...

Os números não mentem. Eu sou o número treze, mas que dá quatro. Os meus números favoritos são o quatro e o cinco.

Explique-nos essa matemática. Como é que treze dá quatro?...

Há livros que se dedicam ao estudo dos números. Portanto, cada letra vale um número. Fazem-se os cálculos. É uma ciência. Eu prefiro fazer os cálculos pelo alfabeto caldeu, mas também podem ser feitos pelo alfabeto pitagórico.

E há números bons e números maus?

Há. Antes de estrear uma peça faço sempre esta investigação. Até hoje nunca me enganou.

Nasceu num dia oito. É um número bom?

É um número mau.

Por isso é tão dramática?

É que eu estou entre a matéria e o espírito.

Seria o meio-termo... o equilíbrio...

Pois é. Tenho esse tal equilíbrio. Isso tenho!

Mas disse-me que é contra os meios-terminos e que se sente bem como radicalista! É mesmo radicalista?

Em algumas coisas não.

Já agora, diga-me lá qual é o meu número?

Contas feitas, pelo alfabeto caldeu, é o sete. Um número bom...

(Fico mais descansada...). E para a sua nova peça, já estão as contas feitas? Está confiante no êxito?

Nunca estou confiante. Tenho sempre medo.

Há uma incoerência... Diz que não tem medo de nada...

Não tenho de outras coisas, mas quando vou para o palco é diferente.

Não confia no seu público?

Confio muito. Mas nunca se sabe como ele vai reagir.

Por que está parada há meses?

Porque não têm aparecido peças.

Os nossos dramaturgos escapam-lhe?

Os dramaturgos (portugueses) nunca pensam em escrever para mim.

Esquecem-na?

É muito difícil escrever sátira, escrever drama. Para teatro de revista é mais fácil.

Será também porque se divide o teatro em comercial e, digamos, erudito?

Teatro comercial..., ele tem de ser comercial, porque se as pessoas não forem lá os artistas não sobrevivem. Nós temos de fazer um teatro comercial.

Quando diz «nós», a quem se refere?

Por exemplo, eu, e muitos outros artistas e empresários.

Será que o público prefere um espetáculo de gargalhada imediata ou mais cómodo, que não dê muito que pensar?

No teatro dito comercial, muitas coisas não são cómodas...

UMA FILOSOFIA CONSERVADORA

A Laura é um pouco avessa a grandes transformações. Por exemplo, o seu penteado, de franja, dura há anos... É uma pessoa acomodada ou conservadora?

Sou conservadora.

Em toda a plenitude da palavra?

Em todo o sentido da palavra; em toda a minha filosofia de vida.

Mesmo politicamente?

Sim, mesmo politicamente.

Qual é a sua área política?

O centro.

Acha que o centro é conservador?

Não sei verdadeiramente, mas penso que no meio-termo é que está a virtude.

Volta a cair por terra a sua afirmação de radicalismo...

Sou radical na seriedade do meu trabalho.

E teme a velhice?

As rugas não me assustam. Só desejo sair desta inatividade.

Apesar de não ter vindo para o teatro por vocação, o camarim e o palco são, hoje, o seu próprio sangue?

Não me importa de dizer adeus ao teatro. Quem eu adoro na vida é o meu filho. Mas gostaria de morrer, a sorrir, no palco ou no camarim.

Pode admitir-se a sua reforma para breve?

Desejaria fazer ainda uma ou duas peças. Mas estou realmente muito cansada, com uma espondilose que me cria alguns problemas na movimentação em palco. Neste momento, estou a tratar-me, também, de uma anemia.

Que reforma tem à sua espera?

Do ponto de vista económico, vai ser coisa pouca. Quanto ao resto, entreter-me-ei a ler. Gostava de ir à Lua.

O seu sorriso é forçado?

Não. Apesar de ser uma pessoa triste, quando rio não o faço de uma maneira forçada. A minha mãe costumava dizer-me: «Rapariga, não te rias tanto!».

O que gostaria de dizer, neste momento, ao seu público?

Que me continue a amar.

O amor é tudo para si?

É a melhor coisa da vida.

E a amizade?

É uma grandeza. O amor... o amor é isso e alguma coisa mais. Mas o amor não compensa...

Não compensa?!...

Não.

Por que diz isso com tanta amargura?

Porque sei que é assim.

Uma dura experiência?

Muito dura.

Não lhe valeu a pena amar, que mais não fosse para sentir essa capacidade de amar?

Eu sei que amei! Quanto eu amei!

Sente-se uma mulher frustrada?

Nada de frustrações, graças a Deus...

Então, ressentimento, dor, desencanto?

Sim. É isso... desencanto.

Desencanto e arrependimento?

Não, arrependimento não, não. Nunca me arrependi de amar tanto. Sei que vou amar sempre.

© *MARIA AUGUSTA SILVA*

NOTA ATUAL

Numa conversa de horas, impressionou a jornalista a imensa solidão e tristeza em que vivia Laura Alves, outrora a “Rainha do Palco” aclamada durante meio século. Morreu três anos depois desta entrevista. Só, esquecida, inativa, sem trabalho. Sem glória. Consumou-se entretanto a demolição do Teatro Monumental, a sua segunda casa, onde durante três décadas criara fundas raízes.